

O ENSINO DO JORNALISMO A PARTIR DE IMAGENS: um relato sobre a prática das disciplinas de Fotografia, Fotojornalismo e Telejornalismo em Alto Araguaia – MT

Iuri Barbosa GOMES¹

Ulisflávio Oliveira EVANGELISTA

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Tangará da Serra, Mato Grosso

Resumo

Este artigo-relato se divide acerca das questões que envolvem as disciplinas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo, ministradas pelo professor Iuri Barbosa Gomes, e Telejornalismo I, ministrada pelo professor Ulisflávio Oliveira Evangelista. O relato do primeiro limita-se do ano de 2011 a 2015 (período em que ingressou na universidade como professor interino e, a partir de 2014, como professor efetivo), e o segundo, de 2014 a 2015 (período em que ingressou como professor efetivo do curso). O objetivo é refletir sobre como elas tem sido trabalhadas no curso – sem desmerecer, é claro, o trabalho dos professores que anteriormente lecionaram-nas. O objetivo que permeia este texto é, acompanhando o mote do livro, debruçar-se sobre a questão do ensino do jornalismo em Mato Grosso. Longe de simplesmente apontar falhas, quer-se aqui visualizar caminhos possíveis para o avanço desse ensino e, em alguma medida, contribuir para o aprimoramento da formação dos futuros jornalistas oriundos da Unemat.

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Linguagem Audiovisual; Fotojornalismo.

INTRODUÇÃO

O ensino da prática jornalística numa cidade interiorana como Alto Araguaia (a cerca de 420 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá) suscita reflexões em torno da metodologia empregada. Para além de questões técnicas, há que se voltar o olhar para um ensino holístico – mas que não se afaste das demandas locais e que satisfaça, também, as exigências do mercado de trabalho. É preciso levar em conta ainda as características que permeiam o curso sem encará-las com olhares apocalípticos, e sim integrá-las a estratégias de ensino e de gestão – principalmente de um curso na área da Comunicação, que enfrenta mudanças drásticas com o rápido desenvolvimento das tecnologias da comunicação.

Dos 13 campi que a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) possui, o de Alto Araguaia é o único a ofertar regularmente o curso de Jornalismo, que iniciou as atividades no primeiro semestre de 2006 após sua aprovação nos conselhos superiores da universidade, em 2005. A resolução 022/2005 homologa a resolução 013/2005 do

¹ Professor Assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), campus Alto Araguaia. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT).

Conselho Universitário (Consuni) que cria e autoriza a implantação do curso de graduação com diplomação em Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Alto Araguaia.

Há uma turma no *campus* de Alta Floresta, região norte do estado de Mato Grosso – porém, esta é de caráter especial. E assim como no curso-matriz, os alunos de lá enfrentam dificuldades semelhantes referentes à estrutura laboratorial para as disciplinas práticas. A diferença é que muitos já atuam no mercado jornalístico da cidade, o que, em alguma medida, mitiga o exíguo espaço para a aplicação prática da teoria apreendida em sala de aula. Assim, cabe aos professores e alunos a busca por alternativas viáveis para a implementação do ensino.

Discutir o ensino, em especial o superior, não é tarefa fácil, e mais difícil ainda é trabalhar *no* ensino ou *com* o ensino. E quando adicionamos fatores que implicam um maior grau de esforço e empenho, é preciso, de fato, encarar o ofício com paixão e dedicação. Tendo em mente que toda prática bem-sucedida evidencia uma teoria a ela subjacente (POLISTCHUCK, TRINTA, 2003, p. 18), o presente relato visa apontar os caminhos percorridos no ensino de disciplinas que lidam com a imagem no curso de Jornalismo da Unemat – em especial no *campus* de Alto Araguaia.

É preciso ressaltar, uma vez mais, que desde o seu nascimento, o curso enfrenta dificuldades estruturais, que vão desde a falta de laboratórios ao número insuficiente de equipamentos para as atividades práticas – quando não da inexistência de tais equipamentos. Longe de ser apenas um relato sobre as dificuldades técnicas enfrentadas ou um autoelogio diante do que se tem obtido¹, objetiva-se demarcar um território sobre como trabalhar a imagem jornalística em condições adversas sem deixar de atender as questões teóricas e muito menos as práticas.

Este artigo-relato se divide acerca das questões que envolvem as disciplinas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo, ministradas pelo professor Iuri Barbosa Gomes, e Telejornalismo I, ministrada pelo professor Ulislávio Oliveira Evangelista. O relato do primeiro limita-se do ano de 2011 a 2015 (período em que ingressou na universidade como professor interino e, a partir de 2014, como professor efetivo), e o segundo, de 2014 a 2015 (período em que ingressou como professor efetivo do curso).

Longe de tecer dogmas ou traçar caminhos únicos referentes ao ensino de tais disciplinas, objetiva-se refletir sobre como elas tem sido trabalhadas no curso – sem desmerecer, é claro, o trabalho dos professores que anteriormente lecionaram-nas. O objetivo que permeia este texto é, acompanhando o mote do livro, debruçar-se sobre a



questão do ensino do jornalismo em Mato Grosso. Longe de simplesmente apontar falhas, quer-se aqui visualizar caminhos possíveis para o avanço desse ensino e, em alguma medida, contribuir para o aprimoramento da formação dos futuros jornalistas oriundos da Unemat.

LINGUAGEM FOTOGRÁFICA: DA ABSTRAÇÃO A QUESTÕES PRÁTICAS

Iniciei a lecionar as disciplinas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo em 2011 (nesta época, a última se dividia em Fotojornalismo I e Fotojornalismo IIⁱⁱ). A grande dificuldade enfrentada naquele período – além de ser a minha primeira experiência enquanto professor – era a falta de equipamentos. Isso dificultava parte do ensino no campo fotográfico, já que não havia – e ainda não há – equipamentos suficientes para uma prática mais intensa. Porém, sempre houve como driblar tal obstáculo com aulas práticas extras, nas quais se exercitava os tópicos ministrados em sala de aula referentes a Linguagem Fotográfica. Outro subterfúgio foi aproveitar eventos que ocorriam/ocorrem na cidade para praticar Fotojornalismo.

Seguindo a ementa das disciplinas e entendendo o jornalismo como uma prática social transfronteiras (LAGE, 2002), a elaboração dos planos de ensino de tais disciplinas tangenciam assuntos que envolvem questões técnicas, estéticas e éticas. Com relação às primeiras, o ensino da fotometria, para além do simples uso do obturador e do diafragma, procuro sempre agregar outras áreas para uma melhor apreensão e ferramentas de fácil utilização. Como as disciplinas visam dar uma noção de como produzir fotografias para o universo jornalístico – e não *formar fotógrafos* –, objetivo sempre a cada semestre apresentar aos alunos mecanismos que instiguem o olhar deles e facilitem a compreensão do conteúdo.

Uma das ferramentas que utilizei no início foi um pedaço de cartolina com um retângulo no meio simbolizando o visor da câmera. A ideia era abordar os diferentes enquadramentos e o que cada um deles poderia abarcar numa cena – trabalhando, assim, composição fotográfica e outros elementos da linguagem fotográfica. Em 2015 utilizei a mesma “ferramenta”, mas *aprimorada* – o fundo das caixas de filmes de polaroides cujo recorte se assemelha a um visor das máquinas fotográficas. Por mais simplória que possa parecer tal método, ele é aconselhado inclusive em manuais de fotografia analógica – e, de alguma maneira, atende às necessidades pedagógicas com relação ao ensino de alguns tópicos fotográficos – tipos de lentes e enquadramentos, especificamente.

Outra forma de passar o conteúdo de fotometria aos acadêmicos foi o uso de simuladores *on-line* – alguns disponibilizados pelas próprias fabricantes de máquinasⁱⁱⁱ. Somam-se a isso alguns documentários cuja estética e conteúdo extrapolam o campo jornalístico, sendo eficientes quanto instrumento de estímulo à criação. Tendo em mente que a imagem é sempre um produto da técnica (TARDY, 1976), o uso de materiais audiovisuais objetivam demonstrar na prática uma *dimensão expressiva*^{iv} através da linguagem fotográfica e, como mencionado anteriormente, estimular a criatividade do aluno.

Entendendo que o ensino também é dar voz aos acadêmicos, é ofertado-exigido dos alunos o seminário *Música e Fotografia*, que desde 2013 tem sido aplicado aos alunos da disciplina Linguagem Fotográfica. No começo, a turma se dividia em grupos e cada um destes escolhia uma música e recebia outra sugerida pelo professor. Para as duas músicas é produzida uma fotografia na qual os acadêmicos apresentam a pesquisa feita com relação ao artista e o modo como pensaram a fotografia – composição, técnica empregada, interpretação da música para pensar a imagem. De novo, longe de estabelecer fórmulas de como deve ser feito o trabalho, a ideia é possibilitar aos alunos uma forma de extrapolar o óbvio e que apresentem *leituras possíveis* de uma outra linguagem – no caso, a musical. Para o segundo semestre de 2015 foi passado aos alunos discos inteiros e não apenas uma música. Eles escolheram qual faixa seria transformada em fotografia, nos mesmos moldes dos semestres anteriores.

Vale lembrar que os discos apresentados não são escolhidos aleatoriamente: há uma aproximação do campo jornalístico e comunicacional, bem como é exigida uma contextualização histórica do artista nas apresentações. Assim, para além de se trabalhar a fotografia, há uma aproximação a prática de apuração, averiguação das informações e encadeamento dos dados a serem apresentados. Objetiva-se, destarte, fazer com que os alunos tenham um primeiro contato com a *prática jornalística*^v, sem, contudo, oferecer prejuízos ou conflitos pedagógicos aos demais professores que ministrarão as disciplinas específicas sobre estes tópicos. Com tal atividade aliam-se aspectos estéticos e o técnicos referentes à Linguagem Fotográfica.

FOTOJORNALISMO: O OLHAR DO FOTOJORNALISTA

A disciplina de Fotojornalismo inicialmente era ministrada no quarto e quinto semestres. A partir da reformulação da matriz curricular e o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), reformulação essa que atende às novas diretrizes curriculares nacionais, a disciplina passou a ser ministrada no segundo semestre. Por se tratar de uma área em que a prática

A

se faz muito importante, a exígua quantidade de equipamentos dificulta os exercícios. Porém, não há vitimização: buscam-se alternativas para que tópicos como gêneros *fotojornalísticos*, *fotorreportagem* e *ética*, por exemplo, sejam contemplados de maneira satisfatória tanto para discente quanto para docente.

A falta de máquinas fotográficas dificulta a realização de coberturas fotográficas, tanto dentro quanto fora do *campus*. Porém, uma alternativa é trabalhar em grupos e aproveitar ao máximo eventos que possibilitem a aplicação do conteúdo visto em sala de aula. Alguns deles são tradicionais e ocorrem tanto no primeiro quanto no segundo semestre. A Festa de Maio, em Santa Rita do Araguaia (município goiano vizinho a Alto Araguaia), por exemplo, possibilita que os alunos saiam a campo para fotografar (acompanhados do professor) e escrever matérias também.

O Festival Náutico é uma opção também para a realização de atividades práticas – não só no campo fotográfico, é bom frisar. Desde 2014 entro em contato com o assessor de imprensa da Prefeitura de Alto Araguaia (realizadora do evento) e consigo credenciais para que os alunos possam circular pelos bastidores do evento para fotografar e apurar pautas. Entendo ser esta uma maneira de proporcionar a eles a experiência de realizar a cobertura de um evento grande – ao menos para os padrões que a cidade comporta. Acompanhados por mim, a eles é exigida a execução de fotos vistas e discutidas em sala de aula, bem como a elaboração de pautas fotográficas – para uma apreensão prática da *dimensão expressiva* discutida no semestre anterior, em *Linguagem Fotográfica*.

Somam-se a estes dois exemplos os eventos realizados dentro do *campus* – tanto os que o Curso de Jornalismo organiza quanto outros realizados pelos demais cursos, Letras e Computação. São propostas coberturas abarcando desde as *hard news* até fotorreportagens, passando por coberturas feitas com celular^{vi} – para inclusive facilitar a prática, tendo em vista a pequena quantidade de máquinas fotográficas. Não se quer aqui transformar os acadêmicos nos famigerados *dromedários* descritos por Mário Erbolato^{vii}, e sim atualizá-los enquanto futuros jornalistas. E, com isso, treinar o olhar fotojornalístico dos acadêmicos.

Essa *atualização* não é sinônimo de uma pacífica adesão aos preceitos mercadológicos, sendo estes calcados numa unificação a partir das tecnologias da informação (MARTÍN-BARBERO, 2005). Objetiva-se manter uma certa distância da competitividade e *focar* na cooperação. Como? Fazendo pontes com outras disciplinas e projetos realizados no curso. O jornal laboratório *Pé no Chão*^{viii}, por exemplo, é um projeto que abarca a prática fotográfica do Curso de Jornalismo – seja pela página

exclusivamente voltada à produção fotográfica, seja pelas imagens produzidas para cada matéria (cujo foco se volta para assuntos não contemplados pelos veículos locais). Por mais que tenham sido produzidas duas edições até o segundo semestre de 2015, essa cooperação interna no curso aponta uma direção possível para o ensino da Linguagem Fotográfica e do Fotojornalismo – bem como evidencia a ponte entre a Universidade e a comunidade externa.

Por fim, documentários e textos são utilizados como subsídios para discussões éticas sobre o uso e difusão de imagens – ainda mais hoje, num tempo em que os alunos já nascem num contexto cultural imagético e tecnológico. É necessário pensar numa formação holística, que agregue teoria e prática, pois “Não é aceitável uma prática que desconheça seus fundamentos teóricos; talvez haja pouco valor e valia alguma em uma teoria que em nada explique uma dada prática.” (POLISTCHUCK, TRINTA, 2003, p. 18). É necessário congregarmos conteúdos clássicos do campo jornalístico com questões atuais, apontar o futuro sem descartar o que ajudou a moldar a profissão no passado.

Este relato sobre o ensino da Linguagem Fotográfica e do Fotojornalismo, evidentemente, não se encerra aqui. Em alguma medida ele continua a se desdobrar diante das circunstâncias apresentadas ao curso de Jornalismo da Unemat de Alto Araguaia, tendo como pano de fundo tanto questões políticas quanto sociais – dentro e fora do *campus*. Fez-se aqui o breve registro do que se trilhou desde 2011 – sem desmerecer, frise-se, os passos dos professores interinos que vieram antes de mim –, e objetiva-se, de alguma maneira, clarear o caminho a ser seguido no decorrer de existência do Curso de Jornalismo da Unemat.

TELEJORNALISMO NA UNEMAT

A disciplina de Telejornalismo I é ofertada no terceiro semestre na matriz curricular e apresenta uma carga horária de 60 horas, distribuídas 50% em créditos teóricos (presencial e a distância) e os outros 50% em atividades práticas, o que confirma a necessidade de um ensino teórico-prático. Sinaliza ainda uma deficiência que os discentes e docentes do curso de Jornalismo da Unemat enfrentam: um laboratório carente em estrutura física e equipamentos – não há sequer uma câmera de vídeo.

Embora o cenário seja extremamente calamitoso – enquanto aspecto laboratorial – a dificuldade é recompensada em força de vontade, dedicação e esforço dos discentes e dos docentes que, assim como eu, buscam diversas alternativas em prol da eficiência do ensino das disciplinas, em especial das práticas, como é o caso da disciplina de *tele*.

A

Por telejornalismo, entendemos, grosso modo, a prática do jornalismo no meio televisivo. Sabemos que a atividade surge no Brasil na década de 1950 tão logo surgem às primeiras transmissões televisivas pela TV Tupi de São Paulo, datada em 18 de setembro de 1950.

O Brasil foi um dos primeiros países a apostar na inovação. Em fevereiro de 1949 o empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, dono dos *Diários Associados*, cadeia nacional de jornais e emissoras de rádio, resolveu ter uma TV. Seria a quinta rede do mundo, embora na época se falasse em quarta pois a existente na União Soviética era incipiente. (PRADO, 1996, p. 13).

O telejornalismo surge concomitantemente ao surgimento da mídia televisiva no país. *Imagens do Dia* estreou em 19 de setembro de 1950, um dia após a inauguração da TV no Brasil. Seu formato era simples: com locução em *off*^{ix}, um texto em estilo radiofônico e não havia preocupação com a pontualidade.

O primeiro telejornal da TV brasileira foi *Imagens do Dia*, e nasceu junto com a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Mas o primeiro telejornal de sucesso, sinônimo de telejornalismo no Brasil, foi *O Repórter Esso*, que estreou em 1953 também na Tupi e ficou no ar por quase 20 anos. *O Jornal Nacional*, da Rede Globo, é o que está no ar há mais tempo, desde 1969 e é, até hoje, líder de audiência no horário. (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

A atividade implica, necessariamente, um conhecimento teórico-prático, isto é, não adianta o ensino teórico sem a *práxis*, nem tão pouco, o desenvolvimento prático sem alicerce conceitual.

Nesse sentido, o estudo teórico e conceitual da disciplina promove aos discentes, através de um ensino holístico, condições para uma reflexão-crítica, dando conta dos diferentes textos e perspectivas noticiosas. A disciplina é estruturada em quatro grandes módulos, a saber: a) história da TV e do Telejornalismo no Brasil; b) Telejornalismo e produção; c) Telejornalismo e execução e d) Telejornalismo e edição.

O primeiro módulo procura contextualizar a importância do veículo – por meio de sua linguagem e características próprias – bem como, um estudo reflexivo-histórico sobre o papel do telejornalismo no Brasil – especialmente no contexto da ditadura militar de 1964 – e da evolução inerente às técnicas e tecnologias empregadas no *fazer* jornalismo televisivo. O próximo módulo explana fundamentalmente, os critérios da produção noticiosa – dando ênfase à pauta – e os agentes envolvidos nesta tarefa, em especial, aos desafios do produtor de telejornalismo na difícil tarefa de “preparar o terreno” para o

repórter. O próximo módulo evidencia a atuação do repórter em campo na construção textual da matéria e/ou reportagem, técnicas de entrevista e a relação com a fonte, além dos tipos de matérias. É necessária também a reflexão do *jornalismo participativo* ou *colaborativo* – isto é, da participação do público na construção noticiosa por meio de aplicativos, como é o caso do aplicativo “Bem na Hora” da TV Centro América^x – e seu impacto na rotina produtiva. Esse módulo também elucida os diferentes tipos da apresentação noticiosa e o papel do apresentador no telejornal. O último módulo – telejornalismo e edição – tem por objetivo, destarte, com a edição noticiosa, evidenciar o editor de texto e de imagens e suas respectivas funções.

A PRIMEIRA PARCERIA EM ALTA FLORESTA-MT

Uma das alternativas buscadas para reverter a deficiência laboratorial para o desenvolvimento das atividades práticas se deu por meio de parcerias. Por exemplo no *campi* de Alta Floresta – que oferece o curso na modalidade fora de sede – onde ministrei a disciplina em 2014/2, a alternativa encontrada foi a utilização do estúdio e equipamentos de uma emissora local – visto que existiam alguns acadêmicos que trabalhavam na emissora e já atuavam no mercado de trabalho. Experiência exitosa que possibilitou a gravação das *cabeças das matérias*^{xi} em pleno domingo a partir das 08h, atitude que reforça o empenho e força de vontade dos envolvidos em “fazer acontecer”.

A mesma experiência – de usar a estrutura de uma emissora local – não foi concretizada no município de Alto Araguaia, ao menos no contato realizado no início de 2015, não houve acordo na utilização do espaço e nem dos equipamentos da TV Integração – afiliada da Record. Desta forma, a alternativa encontrada, ainda em caráter de parceria, foi a utilização de uma câmera de vídeo de um acadêmico que se prontificou a emprestar o equipamento.

PRODUÇÃO DO UNEMAT NEWS

Antes de tudo é preciso destacar que foram estabelecidos para o desenvolvimento do telejornal-laboratório ao menos dois aspectos didáticos: a) produto único – o telejornal-simbolizava o produto prático da disciplina apresentado ao final semestre; b) não factual – considerando o aspecto de ensino-aprendizagem, o que implica num tempo maior de produção/execução/edição, as matérias não tinham o compromisso com o factual, isto é, com fatos noticiosos que acabaram de acontecer.

No início do semestre foi apresentada a proposta das atividades práticas – e por consequência da produção do Unemat News – concomitantemente as aulas teóricas trabalhadas, já iniciaram as reuniões e o desenvolvimento das pautas^{xii}. Os estudantes direcionaram o *olhar* jornalístico, principalmente, para as questões locais, isto é, do município de Alto Araguaia – embora os municípios vizinhos, Santa Rita do Araguaia – GO e Alto Taquari - MT tenham sido contemplados: o primeiro com a tradicional “Festa de Maio” que celebra a padroeira da cidade; e o segundo, com os casos de dengue.

A proposta envolvia o desenvolvimento de uma reportagem/matéria, com no mínimo três fontes/sonoras^{xiii} – fugindo de uma observação unilateral dos fatos – e *passagem*^{xiv}. A duração deveria ficar entre dois e quatro minutos. Na tentativa de facilitar os encaminhamentos, a turma foi dividida em duplas – um repórter e outro cinegrafista – e depois havia a inversão das tarefas, garantindo assim, uma matéria por aluno.

Após a reunião de pauta com as devidas atribuições – pauta/aluno(a) – e detalhes de produção, os alunos saíram a campo para o desenvolvimento das matérias. A captação de imagens e áudio, em sua maioria, foi realizada por meio das câmeras dos telefones celulares dos próprios alunos, visto a dificuldade técnica em termos de laboratório que enfrentamos na universidade. Alguns alunos conseguiram empréstimo de equipamentos de colegas para as gravações.

Com as primeiras imagens captadas, reunia-me semanalmente com as duplas de modo a auxiliar na execução da matéria. As considerações, normalmente, partiam de orientações do *off* e outros detalhes da linguagem audiovisual vinculadas ao telejornalismo, como posicionamento de câmera nas *sonoras*, posicionamento corporal durante a *passagem*, cuidados com a clareza do áudio para garantir a informação da(s) fontes(s), entre outros.



Figura 1: Frame da matéria realizada no município de Alto Araguaia sobre acessibilidade. Detalhe das calçadas inapropriadas para o deslocamento de pessoas.

Terminada a etapa de captação de imagens, chegou o momento da edição audiovisual. Alguns acadêmicos já tinham uma experiência com softwares de edição –

A

como é o caso do *Movie Maker* – no entanto, outros recursos eram necessários e dependíamos de programas mais específicos e profissionais. Desta forma, ministrei um treinamento de *Adobe Premiere CS6* para os acadêmicos. Mesmo assim, muitos se sentiam despreparados para operacionalizar o programa, então atuei também como editor de imagens das matérias e, posteriormente, do telejornal.

Finalizada a edição de todas as matérias, faltava agora a construção textual da *escalada*^{xy}, das *cabeças de matéria*, chamadas de *bloco*^{xvi} e *notas pé*^{xvii}. Os textos foram construídos e editados coletivamente. Com os textos prontos, chegou o momento de selecionar os apresentadores do nosso telejornal e gravar as *cabeças das matérias* e as *notas pé*. Ao contrário do que se possa imaginar, poucos alunos se candidataram à tarefa. Após uma rápida seleção, tínhamos uma dupla feminina escolhida para ocupar a bancada.

Com a câmera em mãos, na noite do dia 25 de junho de 2015 realizamos a gravação das cabeças para o 1º “Telejornal Unemat News”^{xviii}. A gravação foi iniciada pontualmente às 19h30 e finalizada após as 23h. É preciso destacar que não havia *teleprompter*^{xix}. A saída encontrada foi o velho texto, servindo de guia para as apresentadoras. A primeira edição contou com oito matérias, totalizando 19’45” de material final, editado.



Figura 2: Frame da gravação das cabeças do telejornal “Unemat News”.

Para complementar e valorizar o potencial estético do telejornal foi criada uma identificação visual para o “Unemat News” por meio de *vinhetas*^{xx} de abertura, passagem e encerramento. Além disso, houve uma preocupação com a padronização de cores no *videografismo*^{xxi} e *GC*^{xxii} de identificação. O cenário de fundo já existia no estúdio e foi aproveitado por uma questão orçamentária, mesmo havendo divergência de nome – “Unemat na TV” – e cor – “verde”, aponto-se ao laranja utilizada na identificação visual.



Figura 3: Frame da vinheta de abertura do telejornal "Unemat News".

Todos os cuidados – que estavam ao nosso alcance – foram tomados com a imagem do telejornal. Tais medidas tiveram por objetivo reforçar e destacar a credibilidade ao produto, deixando-o mais atraente.

Após o telejornal finalizado chegou o momento de exibi-lo. Inicialmente para a turma e num segundo momento para o coletivo de alunos e docentes da instituição. Optou-se por apresentar o produto numa ocasião oportuna: a acolhida aos calouros.

Durante a exibição aos realizadores, isto é, aos alunos da disciplina, foi possível fazer novos apontamentos e uma reflexão sobre o que foi produzido. A reflexão foi pertinente por permitir apontar erros, ressaltar qualidades e indagar o que mais poderia ser feito.

Para o público externo, a exibição do "Unemat News" serviu para exemplificar os vários trabalhos práticos desenvolvidos pelo corpo discente e docente do curso de Jornalismo da Unemat, mesmo nas condições pouco favoráveis dos nossos laboratórios.

Grosso modo, enxergo positiva a construção e o desenvolvimento do telejornal, mesmo havendo inúmeras melhorias – contextuais, técnicas, estéticas – que poderiam ser feitas e que, certamente, serão feitas nas próximas edições. No entanto, a maior lição da produção do primeiro "Unemat News", enquanto um processo de ensino-aprendizagem, ainda incipiente, foi a motivação e interesse dos envolvidos, sem eles nada disso seria concretizado, muito menos este relato. Por isso, não poderia deixar de registrar os meus sinceros agradecimentos pelo empenho e dedicação e, acima de tudo, por terem acreditado, assim como eu acreditei neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo busca-se lançar um olhar sobre o ensino de disciplinas que trabalham com o aspecto visual no campo jornalístico – leia-se: Fotojornalismo e Telejornalismo. Em meio a dificuldades estruturais do curso em Alto Araguaia, o que se

observa é a utilização de modos táticos para driblar a carência de equipamentos. Busca-se não adotar um discurso de vítima ou simplista de que *sem equipamento não há prática*. Para além de manter essa situação precária no curso ou mesmo se contentar com ela, tais modos táticos refletem uma leitura humanística e saídas que contemplam o conteúdo ministrado em sala de aula.

Como foi escrito anteriormente, não se almeja aqui tecer dogmas ou traçar caminhos únicos referentes ao ensino de tais disciplinas. Reflexo da realidade vivenciada no campus de Alto Araguaia da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), este relato de experiência traz um pouco do que se percorreu até o momento no curso, e aponta para uma direção positiva e humanística que o corpo docente tem buscado no ensino de jornalismo. Para além de saber operar obturador e diafragma ou entender o processo de edição de um telejornal, quer-se aqui deixar claro que o processo pedagógico almeja dar esclarecimentos para que o aluno exercite o senso crítico e faça uma leitura coerente do seu entorno sociocultural.

REFERÊNCIAS

- BONNER, Willian. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnica de codificação em jornalismo: redação, captação e edição do jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis de. (Org.) 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MARTINS, Eduardo. **O Estado de S. Paulo: Manual de redação e estilo**. São Paulo: Moderna, 1997.
- NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de Televisão**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.
- PATERNOSTRO. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

A

61

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico: Dicas para fazer telejornalismo com qualidade**. São Paulo: Editora Limiar, 1996.

TARDY, Michel. **O professor e as imagens**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

ⁱ Desde 2009 o curso de Jornalismo da Unemat tem se destacado ao receber prêmios em congressos, notoriamente o Intercom, Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. A instituição já soma mais de 30 premiações neste evento e em outros cujos temas tangenciam a área da Comunicação. Cf. *Alunos de Jornalismo destacam-se em congresso regional*. Disponível em: < <http://www2.unemat.br/?pg=noticia/8775/Alunos%20de%20Jornalismo%20destacam-se%20em%20congresso%20regional> >. Acesso em 22 de setembro de 2015.

Cf. *Estudantes de Jornalismo conquistam cinco prêmios em Congresso Regional*. Disponível em: < <http://www.novoportal.unemat.br/?pg=noticia/9399/Estudantes%20de%20Jornalismo%20conquistam%20cinco%20pr%20EAmios%20em%20Congresso%20Regional> >. Acesso em 22 de setembro de 2015.

Cf. *Jornalismo da Unemat conquista prêmio nacional em Encontro de Folkcomunicação*. Disponível em: < <http://www.novoportal.unemat.br/?pg=noticia/9428/Jornalismo%20da%20Unemat%20conquista%20pr%20EAmio%20nacional%20em%20Encontro%20de%20Folkcomunica%20E3o> >. Acesso em 22 de setembro de 2015.

ⁱⁱ Com a mudança do Projeto Político-Pedagógico do curso, a disciplina Fotojornalismo II se transformou numa disciplina eletiva, Fotorreportagem.

ⁱⁱⁱ Cf. <http://www.canoncollege.com.br/simulador>.

^{iv} Entende-se aqui *dimensão expressiva* o uso das técnicas fotográficas (profundidade de campo e enquadramentos, por exemplo) em prol de uma intencionalidade informativa.

^v A disciplina em si, Linguagem Fotográfica, visa instrumentalizar os acadêmicos com relação à técnica fotográfica. Questões mais teóricas são vistas, evidentemente, mas o foco é o manuseio das máquinas para, num segundo momento – na disciplina de Fotojornalismo, por exemplo – sejam discutidas questões que ultrapassem a parte de *produção* de imagens.

^{vi} Tal exercício não diminui em nada o ensino tradicional do Fotojornalismo. Tendo como subsídio trabalhos recentes, e atendendo às Novas Diretrizes de Curriculares para o curso de Jornalismo, discute-se em sala de aula o uso das novas tecnologias na prática fotojornalística. Sem tecer juízos de valor, busca-se oferecer uma experiência a mais aos acadêmicos, bem como acompanhar as mudanças às quais o dia-a-dia de um jornalista do século XXI tem sofrido. Tanto é que nos planos de ensino feitos desde 2014 consta o tópico *iPhonegraphy* ou *Mobografia* – fotografia feita a partir de dispositivos móveis.

^{vii} O autor define como *dromedário* ou *pés de boi* os jornalistas que sabiam fazer de tudo na redação. (ERBOLATO, 1979).

^{viii} Projeto idealizado pelo professor Eduardo Luis Mathias Medeiros que congrega outras disciplinas e professores do curso. Os alunos participam de todo o processo de elaboração do conteúdo do jornal (pautas, apuração e, em parte, edição). Foram lançadas duas edições até o segundo semestre de 2015, sendo a iniciativa aprovada como Projeto de Extensão no segundo semestre do mesmo ano.

^{ix} Narração da reportagem, quando não aparece a imagem, apenas a voz. (NETO, 2008).

^x A empresa define tal programa como “aplicativo de colaboração”, através do qual as pessoas podem enviar fotos e vídeos como sugestões de pauta. Disponível em: <https://itunes.apple.com/br/app/bemnahora-tv-centro-america/id802972699?mt=8>. Acesso em 04 de abril de 2016.

^{xi} Termo técnico usado para conceituar o texto introdutório lido pelos apresentadores antes de chamar a matéria. (NETO, 2008).

^{xii} Chama-se pauta tanto o conjunto de assuntos que uma editoria está cobrindo para determinada edição do jornal como a série de indicações transmitidas ao repórter, não apenas para situá-lo sobre algum tema, mas, principalmente, para orientá-lo sobre os ângulos a explorar na notícia. A pauta constitui um roteiro mínimo fornecido ao repórter. (MARTINS, 1997).

^{xiii} *Fonte* em jornalismo significa uma pessoa que mantém uma relação de confiança com o jornalista de modo a subsidiá-lo de informação para a realização da matéria; A expressão sonora significa, no telejornalismo, uma entrevista com a fonte. (NETO, 2008).

^{xiv} O termo *passagem* refere-se ao momento de aparição do repórter na matéria ou reportagem, uma espécie de assinatura enquanto realizador. (NETO, 2008).

^{xv} Termo que significa a apresentação das principais notícias daquele telejornal, uma espécie de cardápio de notícias daquela edição. (PATERNOSTRO, 1999).

^{xvi} Texto lido pelos apresentadores para dar destaque a uma ou mais matérias apresentada no bloco posterior. (CURADO, 2002).

^{xvii} No telejornalismo, *nota pé* quer dizer um complemento feito pelo apresentador após a exibição da matéria. Muito usado quando fonte se pronuncia após o fechamento da matéria, mas ainda em tempo durante a exibição do telejornal. (NETO, 2008).

^{xviii} Em 2012 foi feito um telejornal na mesma disciplina, que na época era ministrada pelo professor Eduardo Luis Mathias Medeiros. O *modus operandi* foi semelhante: tanto a câmera da filmagem do telejornal quanto a edição ficaram a cargo dos professores envolvidos – Iuri Barbosa Gomes participou das filmagens e edição do material. O telejornal – de caráter experimental, é bom frisar –, pode ser conferido neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=q0l5FonGcbk>.

^{xix} Equipamento acoplado a câmera que permite a leitura dos textos pelos apresentadores. (NETO, 2008).

^{xx} Peça publicitária curta com o objetivo de identificar o produto audiovisual, neste caso, um telejornal. Ela pode ser de abertura (no início da programação), de passagem (entre os blocos, isto é, antes e após o intervalo) e de encerramento (ao final do noticioso com a ficha técnica dos participantes). (NETO, 2008).

^{xxi} Por videografismo entende-se um conjunto de elementos visuais e gráficos que compõe uma estrutura ou produto audiovisual, como é o caso de tarjas, gc (gerador de caracteres), mapas, gráficos etc. (CURADO, 2002).

^{xxii} O mesmo que gerador de caracteres, isto é, as fontes ou textos usados no produto audiovisual. (NETO, 2008).

Artigo recebido em 17/08/2019 e Aprovado para publicação em 09/09/2019.